

# PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Dora Alves

## ENTREVISTA

**JOSÉ ALBERTO BAPTISTA** nasceu em Macedo de Cavaleiros, em 1942. Licenciou-se em Filosofia e realizou o mestrado em História Local. Profissionalmente, exerceu a função de bancário em Macedo de Cavaleiro e em Lagos.

Foi eleito nas primeiras eleições autárquicas democráticas, realizadas a 12/12/1976, exercendo a função de presidente da Câmara Municipal de Lagos nos mandatos de 1977-1979, de 1980-1982, de 1983-1985 e de 1986-1989.

Em 25 de Abril de 1974, José Alberto Baptista vivia e trabalhava em Lagos.

## DESCRIÇÃO

**Código de Referência:** PT/ML/AML/C/3/35/000007

**Título:** Entrevista a José Alberto Baptista

**Tipo:** Entrevista áudio formato M4A

**Duração de gravação:** 00:40:34

**Entrevistador:** Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

**Data:** 27/07/2023

**Local:** Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo, Lagos.

**Registo fotográfico:** Museu de Lagos / Dora Alves

**Transcrição, revisão e edição:** Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

**Texto revisto e validado pelo entrevistado a** 01/03/2024.

**Documento atualizado em:** 21/05/2024



M L MUSEU  
DE LAGOS

**Patrícia de Jesus Palma (PJP):** *Senhor José Baptista, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Sendo natural do Norte, já vivia em Lagos quando se dá o 25 de Abril?*

**José Alberto Baptista (JAB):** Estava aqui há 4 anos. Chegámos a Lagos em 1970. Portanto, foram quatro anos de estadia em Lagos. Já tínhamos dois filhos, que já vieram de Macedo, o outro nasceu dois anos depois.

**PJP:** *Já vinha com família constituída. E veio para cá por razões profissionais?*

**JAB:** Vim pelo Banco, o meu Banco era o Banco da Agricultura. Estava no Banco da Agricultura em Macedo de Cavaleiros. Pediram-me que eu viesse para o Algarve e eu meti-me nessa aventura, trouxe os miúdos comigo e acertámos.

**PJP:** *E como é que encontrou a cidade de Lagos nessa altura? Para quem vinha de fora, o que era a cidade?*

**JAB:** Olhe, em primeiro lugar, a gente desconhecia o que era o Algarve... Mas, pronto, era uma bela cidade... se a gente olha para a cidade atual, não há comparação...

**PJP:** *Mas era pequena, tinha alguma indústria?*

**JAB:** Era uma cidade média e concentrava-se muito no centro da cidade. Ainda tinha as fábricas de conserva, dedicava-se muito à pesca com as traineiras. a fonte de riqueza era fundamentalmente ligada ao mar. A construção era muito pouca, o turismo estava reduzido a um hotel ou dois, já não me lembro bem. Agora há muitos!

Por acaso, é curioso, fui eleito presidente em 1976, comecei em 1977, e, em 1978, dei uma entrevista à RTP, que está no *youtube*, a mudança é grande, muito grande. A cidade mudou e continua a mudar... Desconheço a matriz urbanista em curso.

**PJP:** *E quando chegou cá, como é que começou a construir as suas relações aqui na cidade?*

**JAB:** Comecei bem, porque, na altura, apesar dos dois primeiros anos não terem sido fáceis. Como sabe, os bancários eram uma classe com prestígio e não foi difícil estabelecer relações. E, depois, quando veio o 25 de Abril, tudo melhorou... Apesar de termos assistido a uma tomada política do poder, com a nacionalização da banca a partir

de março de 75. Mas, os bancários tinham uma força sindical forte. Os bancários tinham um sindicato muito forte e eu era delegado local aqui no Banco. Foi onde eu comecei a aprendizagem do que era a política, do que eram as discussões e debates. Pronto, acho que não foi difícil manter boas relações locais. Na altura, os bancários eram muito unidos. Isto já foi há 40 e tantos anos...

**PJP:** *O senhor começou a escrever na imprensa periódica ainda antes do 25 de Abril?*

**JAB:** Mais que imprensa, era ensino. Sabe que eu tinha três filhos, o Banco fechava ao meio-dia e abria às 2h e, portanto, eu ia dar aulas do meio-dia à 1h no colégio e, depois, mais tarde, à noite, comecei a dar aulas também na escola pública. Portanto, dedicava-me a estas duas coisas e foi assim que fomos fazendo parte da cidade.

**PJP:** *Quando chega o 25 de Abril, que memórias tem desse dia e dos dias que se seguiram?*

**JAB:** Foi importante, porque eu fiz parte, assisti a isto tudo, a estas alegrias todas... Apareço em alguns locais a participar ativamente na alegria desses dias.

**PJP:** *E soube, nesse primeiro momento, o que estava a acontecer?*

**JAB:** Sim, sabia, porque nós, no Sindicato dos Bancários, nós tínhamos feito já uma luta muito grande contra o regime. Além da forte marca antirregime que trouxe da guerra em Angola. Depois de dois anos de guerra colonial era impossível não sermos outros. Mas, foi no sindicalismo bancário que a luta começou. Ali, tinha aprendido muito. Constatou-me inclusivamente que, no dia 1 de maio, havia alguns delegados sindicais que a PIDE teria em vista. Curiosamente, Vasco Lourenço fazer referência a esse boato a nível nacional. Não sei se o meu nome estava lá metido ou não, mas, naquela altura, a PIDE desconfiava, temia o que veio a acontecer, e os bancários eram uma força anti governo muito forte.

Quando Abril chegou, para mim, foi uma naturalidade, sabe. Aderimos a isto. Lagos tinha, nessa altura, uma célula muito forte ligada ao P.C.P. Sempre tivera lojas maçónicas. Se não fosse bem o P.C.P., eram outros partidos, era o M.D.P./C.D.E., etc. Havia aqui gente, aqui no Algarve e em Lagos, pessoas com uma carga muito forte de oposição, portanto, não foi difícil aqui em Lagos, não foi difícil, penetrar nisto.

E, depois, dado o meu feitio e as experiências de guerra e bancárias, comecei-me a dar bem com o Quartel que aderira ao M.F.A. Depois, a partir de certa altura, o P.C. começou a dominar mais, mas eu também me comecei a dar bem com todos. O P.S., a já minha referência ideológica vem-me pedir para ser fundador do P.S. e eu disse: “ – Deixem-me

estar agora em paz com o Sindicato, porque a minha luta agora é o Banco da Agricultura, que foi tomada por uma administração ligada ao P.C.P.” Eu estava nessa batalha sindical. Chegámos a sair daqui às 5h da tarde para irmos à Voz do Operário a Lisboa, onde o P.S. e o M.R.P.P. enfrentavam o P.C. e, depois, chegada às 5h da manhã e às 8h estávamos a trabalhar. Com o tempo, as coisas complicaram-se um bocadinho. Com o domínio que o P.C. teve na cidade passámos a ter momentos bastante desagradáveis. Quando chegou a altura das eleições, o P.S. convidou-me a participar na Assembleia Municipal e eu disse à senhora professora, que muito estimava, que falou comigo, o que já tinha dito aos outros socialistas: não me queria envolver por causa do sindicato, por causa do Banco. Então, a senhora, que era professora de um dos meus filhos, foi lá ao Banco e disse-me: “– Baptista, nós queríamos que participasse nas listas agora em dezembro.”

Disse-lhe:

“– Professora, à vontade, mas não quero Câmara, quero ir para a Assembleia Municipal.”

E assim foi. Na noite em que foi a Assembleia Geral a para aprovar as listas, eram quase todos moços novos; naquela altura, usava-se os papéis de costaneira, onde se escreviam nomes, e lá constava o meu nome em quarto lugar: porreirinho! Começaram-se a debater os nomes para as Freguesias, para a Assembleia Municipal e, depois, passou-se para os da Câmara Municipal. Quem estava a encabeçar a lista era um médico e um político altamente considerado, o Dr. Godinho, e, às tantas, começa a ter um discurso muito estranho. Eu, por acaso levava um jornal e, também às tantas, comecei a não querer crer: “– Por isto, por aquilo, a minha vida médica, mas, conheço um rapaz...” E começa por ali... Eu parei de ler jornal e disse: “- Bem, aqui há gato!”. E havia mesmo. Apresentou o meu nome, a assembleia aprovou e eu pedi vinte e quatro horas para decidir.

Sabia que não seria fácil convencer a esposa. E lá fui, cheguei a casa e disse: “– Olha, Aida, aconteceu isto.” De manhã, levantei-me, saí, era um sábado, e fui lá para cima, para um sítio muito belo sobre o mar, ainda não havia a construção que há lá hoje, e por entre o fioelho crescido à beira do caminho dos Palmares, e pensei, pensei em tudo isto e quando cheguei a casa era meio-dia, um belo dia de sol outonal e disse: “– Aida, olha, aceito.” E foi assim que comecei a minha vida política. As primeiras eleições foi o P.S. que as ganhou; as três seguintes fui eu e o Partido, as últimas já fui eu que as perdi. E foi assim que comecei a minha vida política em Lagos. Durante treze anos.

**PJP:** *Quais foram os maiores desafios após essa eleição?*

**JAB:** Olhe, os principais, não sei qual é o primeiro, o segundo, o terceiro, o quatro. Começamos. Nós comprámos e, adquirimos cem hectares de terrenos para habitação e

equipamentos, onde hoje está instalada a cooperativa CHESGAL e o Centro de Saúde e a Escola Júlio Dantas.

Nós começámos por ter uma visão alargada sobre o futuro de Lagos. Depois, foi o saneamento básico, sobretudo a rede de esgotos que alterámos totalmente e que os mandatos seguintes souberam continuar. Quando chovia, o centro da cidade inundava.

Com o tempo e com o crescimento da cidade, crescia também a necessidade de soluções urbanísticas ajustadas, evitando a euforia do crescimento à Torremolinos. Era a solução da marina, era a solução do estacionamento, era o tratamento das águas residuais, era a recuperação dos bairros associativos de habitação, era o relançamento da cultura local e regional numa cidade da cultura, era, enfim, a recuperação e manutenção do Centro Histórico.

Um dia fiz um desafio a políticos e técnicos municipais:

“– Meus amigos, vamos dar uma voltinha de carro. Vamos ao Congresso de Municípios Geminados em Bordéus.”

Dadas as restrições militares durante a guerra colonial, poucos de nós tinha tido oportunidade de viajar para o estrangeiro. E lá fomos. Fizemos um périplo centrado em locais com soluções de saneamento básico, de estacionamento, de centros históricos, de marinas, de habitação...

**PJP:** *Onde é que foram?*

**JAB** – Fomos a Biarritz, Bordéus, a Carcassonne, Nice, Avignon, Pádua, Veneza... Fomos a todos os sítios que ficavam no caminho. Todos os dias, todos aprendíamos. Quando chegámos, foi mais fácil encontrar as soluções que nos faltavam. Marina, não com a configuração atual, saneamento, centro histórico...

Em relação ao centro histórico, a decisão foi mais difícil, pois foram dois anos de quase paralisação da vida comercial no interior da cidade. No dia que as várias empreitadas iriam começar, o responsável das obras entra no meu gabinete, poucos minutos antes das nove horas e só me pergunta se quero, ou não, dar a ordem de começar. Os riscos políticos seriam grandes. Olhei-o e disse: “– Comece.” Há muitas pequenas fábulas, como diria Lúcia Jorge, na vida de um autarca que marcam a sua vida e esta foi uma delas. Os dois anos que se seguiram foram muito difíceis para mim e para a família.

**PJP:** *E qual era o grande objetivo das obras no centro histórico?*

**JAB:** É o que vê hoje. O que está naquele centro histórico, aquela zona toda melhorada foi o que fizemos, os sucessores aumentaram a área de intervenção. Creio que há intenção de melhorar o que está feito... que o bom senso, e não só, proteja o projeto. Mas, hoje, tenho um prazer enorme, quando estou com os meus netos, e lhes digo que ali está o trabalho do avô.

Mas não foi só recuperação material do centro histórico. O Arq. Rui Paula, a pedido da Câmara fez um levantamento de todo o património construído da zona histórica do centro histórico. Esse estudo foi editado em livro, que ainda hoje é referência para o estudo urbano da cidade de Lagos.

**PJP:** *E quando ganha as eleições, dirige-se à população nos seguintes termos:*

*“Lacobrigenses:*

*Empenho a minha palavra de homem na implantação duma autêntica convivência democrática e coloco a minha luta na eliminação dos mecanismos socioeconómicos que alienam a nossa dignidade.*

*Que a fé não nos abandone e a coragem nos não defraude. Que o nosso projecto socialista seja à medida da liberdade de cada um, pois não somos a Câmara de um Partido, mas a Câmara de todos os cidadãos.*

*Unidos na vontade de construir a nossa cidade, a todos dirijo uma palavra de união.*

*Por Lagos, para o futuro.*

*Viva, Lagos!*

*José Alberto Baptista!”<sup>1</sup>*

**JAB:** Fiz quatro mandatos, dois com maioria absoluta e dois sem maioria absoluta. Não foi mais fácil gerir sem maioria absoluta. Mas, quando não tínhamos a maioria absoluta, estava mais à vontade, porque tínhamos que negociar as coisas. E quando se negocia a bem, as coisas melhoram. E tenho a dizer que o P.C./A.D.U./C.D.U. e os demais partidos da oposição (P.S.D./A.D., P.R.P.) comigo funcionaram bem, porque a gente coordenava-se bem. Quando havia a maioria absoluta, tive problemas com o Partido, que não gosto de lembrar. Quando eu tinha a maioria absoluta para mim, era mais difícil. Quando não tinha, para mim, era mais fácil, porque dizia: “– Senhores, vamos fazer aqui isto. Como

---

<sup>1</sup> *O Nosso Jornal*, n.º 64, de dez./1976.

é que é? Qual é o melhor?” Um dizia uma coisa, outro dizia outra. Nunca tive problemas com a oposição.

Há outra coisa que eu também queria dizer: nós sempre fizemos muitos planos. Iniciámos o primeiro Plano Diretor, fizemos o primeiro Plano de Urbanização (havia um muito antigo), nós, de certa maneira, orientámos e organizámos o espaço urbano e rural. O espaço rural, as freguesias tiveram enorme apoio da nossa parte, seja na área habitacional, seja desportiva, seja cultural. Construiu-se habitação, fizeram-se centros associativos, melhorou-se a rede de água e o tratamento do saneamento básico. Muito do que hoje tem Lagos, e muitas Freguesias, têm ainda herança nossa. Não tanto construção e tão pouca habitação...

**PJP:** *Estruturaram, criaram as bases.*

**JAB:** Obrigado por trazer isso [*alusão ao texto publicado no jornal*]. Eu, na altura, era um homem quase culto...

**PJP:** *E como é que sentia as pessoas, a mobilização?*

**JAB:** Sabe, naquela altura, havia muito a questão dos Partidos. Por isso, é que eu gostava muito de quando não tinha a maioria absoluta. Aproximava-me deles todos e temos história de um senhor da oposição, que, por acaso, faleceu há pouco tempo e foi condecorado recentemente pela Câmara Municipal. E, é verdade, mas porque era um homem honesto. A gente dizia assim: “– Vamos estudar todos os projetos.” E todos vinham e a gente discutia mais as coisas, a ver se saíamos bem delas.

Porque, naquela altura, era isso que eu estava a responder, as pessoas interessavam-se muito. Apesar de haver a parte política, a parte partidária, as pessoas interessavam-se pela cidade. Agora, não sei como é que é, nem quero fazer comparações. Mas, por exemplo, houve uma altura em que nós tivemos que fazer uma opção: ou fazíamos creches, ou fazíamos jardins de infância; para as duas coisas não havia dinheiro. Houve consenso para os jardins de infância. Um dos vereadores que apoiou a solução seria o meu sucessor e refere muitas vezes. Escolhemos uma delas. Fomos criticados, mas ainda temos hoje muitos jardins-de-infância. Apesar de ser Partidos diferentes, mas, as pessoas interessavam-se pela cidade. Hoje, não sei se as pessoas debatem muito ou pouco a Cidade e o Concelho. Os Partidos, naquela altura, tinham trezentos, quatrocentos militantes; hoje têm cinquenta, quarenta.

**PJP:** *E lembra-se dessa fase da criação das estruturas partidárias na cidade?*

**JAB:** Sim, lembro-me muito bem. Para o P.S. não foi muito difícil.

**PJP:** *E onde é que foi a primeira sede do P.S.?*

**JAB:** Está a ver onde é que a Pastelaria Taquelim? Foi num daqueles edifícios na parte de cima. Estou ainda a ver, naquele dia em que estava a ler o jornal, porque, depois mudámos para o edifício ao lado. Agora, a sede está mais afastada.

O P.C.P. também tinha a sede no centro da Cidade. O nascimento do P.S.D. em Lagos foi mais demorado. E tudo começou por um colega meu do Banco da Agricultura, Francisco Búzio, um homem e amigo excepcional. Morreu cedo, só, no meio do seu terreno. Um dia, diz-me:

“– Baptista, vem comigo.”

“– Onde é que vamos?”

Fomos ali a Portimão, a um edifício inacabado, sem luz, sem vista. A gente subiu as escadas e estavam uns engravatados de Lisboa e começam a falar logo comigo e eu disse:

“– Espere aí, desculpe lá, eu estou aqui com o amigo Búzio, ele é que quer fundar o P.S.D.”

Mas o P.S.D. teve muita dificuldade em instalar-se. Na altura, o P.C.P., que estava na Administração do Banco, estava a pressionar muito... Como subgerente, depositavam confiança em mim, mas, o colega Búzio passou ali momentos muito desagradáveis e ele dizia-me, às vezes:

“– Olha, Baptista, eu vou faltar hoje ao Banco, porque vou levar a família para fora...”

Havia dias que parece que sentia medo.

A chamada Direita ou Centro-Direita levou muito tempo a crescer em Lagos. Depois, cresceu muito. O C.D.S. não teve muito futuro aqui, mas o P.S.D. teve. Depois, com o declínio, depois do 25 de Novembro, do P.C., as coisas estabilizaram mais e isto ficou mais dividido entre o P.S. e o P.S.D., até quase aos dias de hoje. Amanhã, não sabemos... Quando os arrendatários da democracia se transformam em proprietários dos partidos e não o contrário, os tempos da política mudam... Populismos e mais -ismos pululam quais cogumelos. Confio que, em Lagos, que a harmonização que o P.S. conseguiu fazer entre partido, democracia e povo não venha a ter sobressaltos nos próximos tempos.

**PJP:** *Portanto, foi dando esse contributo pela construção desta nova sociedade desde essa altura até hoje?*

**JAB:** Até 1990, foi uma contribuição direta, como sabe. Saí da Câmara em janeiro de 1990. Foram quatro mandatos, porque os primeiros mandatos foram só de 3 anos, portanto, foram 9 mais quatro, 13 anos. Dentro do Partido, a nível nacional, houve uma

luta muito grande entre a linha Mário Soares e a linha do chamado ex-secretariado. E eu e mais quatro ou cinco presidentes de Câmara demos apoio a Mário Soares. Portanto, enquanto estive na Câmara, eu convivi bem com Lisboa e chegava a Lisboa e era muito estimado. No Algarve, é que, pelos vistos, não era.

**PJP:** *Porquê? Porque acha que isso aconteceu?*

**JAB:** Penso que há razões que me abstenho de comentar. Sobre o meu Partido. Quando Mário Soares deixou de ser responsável do Partido, alinhei com o João Soares e sua orientação política e ainda hoje somos muito amigos. Com ele, cheguei a pertencer aos órgãos principais do Partido, a Comissão Nacional, várias vezes, e à Comissão Política Nacional, uma vez; só não cheguei ao Secretariado. Com o Presidente Mário Soares mantive uma boa amizade. O último, e único autarca, personalizado, que ele condecorou com a Ordem de Mérito, no seu último 10 de Junho de 1995, fui eu.

**PJP:** *E foi-se afastando da vida política?*

**JAB:** Fui, depois afastei-me do Partido. Ainda fiz uma pequena coligação independente para a Assembleia Municipal, mas, se o P.S. era o que era, os outros eram inferiores e, na parte final do meu tempo na Assembleia dei o apoio ao P.S., que, por acaso, não tinha a maioria e precisava do meu voto. Há ironias na vida!...

**PJP:** *Mas aí estava como independente?*

**JAB:** Sim. Mas, o P.S. também tinha o cuidado de ouvir as propostas que fazia, em assuntos relevantes para o Município.

**PJP:** *Um acordo de cavalheiros?*

**JAB:** Possivelmente, mas, creio que é mais do que isso. Não é por acaso ou por outra razão menor que um militante com história autárquica como a minha se afasta do Partido. Seja qual for. As estruturas partidárias apropriaram-se de espaços de que não são proprietários e, por isso, há necessidade de arejar fora do ambiente. Quando regressei, mantive o mesmo número de militante e a vida partidária continuou, apesar de ter terminado a parte ativa. Mas sabe, o melhor que a política tem é isso.

Já na relação entre Partidos, entre maioria e minoria, no universo autárquico, o que mais aborrece é ver que a oposição não tem força, ou voz, se quiser. Se apresenta uma proposta, se a maioria não gosta, chumba. Mas, tempos depois, a maioria apresenta a mesma, só lhe mudando algumas vírgulas. Mas, porquê? Isso não encaixa para mim. Por exemplo, está a decorrer, todos anos, a Feira de Arte Doce. A origem é de um vereador do P.C./A.P.U./C.D.U. O proponente foi um vereador profundamente empenhado na

vida política local, que era meu vereador. Na altura, aprovámos aquilo e manteve-se. Foi ele que fez, foi ele que apresentou a proposta, foi ele que a fundamentou, e quarenta anos depois ainda cá está. O que custa mais na política é a pouca presença da oposição... Eles também podem ter ideias boas. Porque, se começam a não ser ouvidos, começam a apresentar coisas já só para armadilhar a opção da maioria.

**PJP:** *Deixa de ser construtivo.*

**JAB:** Exatamente. Já sei que vai ser chumbado, então, votam contra e pronto. Mas, isso já não são contas do meu rosário.

**PJP:** *Pensando nesses tempos iniciais, como é que considera que foi o seu contributo principal para estruturar esta sociedade nova que estava ali nascer?*

**JAB:** Eu penso que, sinceramente, pesem os nomes que eles quiserem, que há um consenso nisto. Eu, e as vereações que trabalharam comigo, tinham uma ideia de cidade e essa ideia de cidade, no aspeto principal, manteve-se. Aquelas infraestruturas de que já falei. E o regresso a uma cidade da cultura. Fizemos duas bienais, sabia disso? Fizemos duas bienais. Acompanhámos a Bienal de Cerveira. Fizemos duas bienais. Alguns dos quadros que hoje a Câmara tem são fruto da bienal. Há dias morreu um desses grandes pintores com um quadro na C. M. de Lagos.

**PJP:** *Manuel Baptista?*

**JAB:** Exato, Manuel Baptista. Fizemos duas grandes Bienais. Com a nossa saída, saíram as Bienais... E, nesta altura, também tínhamos cá o pintor Joaquim Bravo, tínhamos também o apoio do João Cutileiro, de quem eu era muito amigo. Sabe porque é que ele se foi embora de Lagos?

**PJP:** *Porquê?*

**JAB:** Nós fizemos um auditório aberto, junto à casa onde ele morava. Um dia entrou-me no gabinete o João Cutileiro porta dentro e disse-me:

“– Ó Zé Alberto, ou tu paras com aquilo ou vou-me embora. Não consigo descansar com aquele barulho!”

Disse assim:

“– Ó João, sou muito teu amigo, mas desculpa, não posso deixar de fazer o auditório.

E esteve anos que não falou comigo. E uma vez, numa entrevista, [*disse*]: “– O presidente da Câmara, que era meu amigo, não fez o que eu lhe pedi...” Se ele soubesse que aquilo depois era abandonado como está neste momento... Mais tarde, fizemos as pazes.

Mas, fizemos coisas muito giras naquele auditório. Fizemos a festa da paz, que era organizada pelo P.C., e outros grandes momentos naquele auditório.

Iniciámos o Centro Cultural de Lagos. Nós comprámos o edifício, deitámo-la abaixo, numerámos pedra a pedra e foi lá que foi construído o Centro Cultural. Das poucas penas que eu tive de não inaugurar foi o Centro Cultural.

**PJP:** *A Cultura foi uma prioridade?*

**JAB:** Houve uma grande aliança entre todos os presidentes da Câmara na década 80. Repartimos o Algarve pelas atividades culturais, gastronómicas... Eu gosto de trabalhar em coletivo. Por exemplo, a Fatacil nasceu daí. Lagoa ficou com a Fatacil. Lagos ficou com as bienais, Portimão com a sardinha, Olhão com o marisco, etc.... Foi assim. Havia este tipo de diálogo. Algumas ficaram, outras não ficaram. A Fatacil é assim, é do Abel Santos. E podíamos ficar aqui a noite toda a conversar... Já passei muito tempo?

**PJP:** *Então, para terminarmos, trouxe-nos o jornal, tem outros documentos dessa época, diários? Documentos que possa partilhar?*

**JAB:** Tenho, tenho. Se, por acaso, houver alguma coisa que eu tenha que possa ser útil, envio.

**PJP:** *Senhor José Alberto Baptista, muitíssimo obrigada pela sua disponibilidade em colaborar connosco.*

---

**Referência para citação:** MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a José Alberto Baptista*. 2023-07-27. 10 p. Acessível com a ref.ª PT/ML/AML/C/3/35/000007 em <https://abrir.link/YTGBE>.